

CELEBRAÇÃO PENITENICAL

Lc 18, 9-14

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco nos apresenta as **Tentações dos agentes pastorais** entre os quais também nós nos colocamos: Como filhos desta época, todos estamos de algum modo sob o influxo da cultura globalizada atual, que, sem deixar de apresentar valores e novas possibilidades, pode também limitar-nos, condicionar-nos e até mesmo combalir-nos. /.../. Ao mesmo tempo, diz o Papa, quero chamar a atenção para algumas tentações que afetam, particularmente nos nossos dias, os agentes pastorais (EG 77) à quais precisamos dizer “NÃO”:

Hoje nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns exercícios de piedade que proporcionam certo alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do *individualismo*, uma *crise de identidade* e um *declínio do fervor*. São três males que se alimentam entre si (EG 78).

Nos agentes pastorais, independentemente do estilo espiritual ou da linha de pensamento que possam ter, desenvolve-se um relativismo ainda mais perigoso que o doutrinal. /.../. Este relativismo prático é agir como se Deus não existisse; decidir como se os pobres não existissem; sonhar como se os outros não existissem; trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem. É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão. *Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário!* (EG 80).

Não à acédia egoísta - Quando mais precisamos de dinamismo missionário muitos procuram fugir de qualquer compromisso que lhes possa roubar o tempo livre /.../. Alguns resistem a provar até ao fundo o gosto da missão e acabam mergulhados numa acédia, isto é, indolência paralisante (EG 81).

Não ao pessimismo estéril - Uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre. /.../. O mau

espírito da derrota é irmão da tentação de separar prematuramente o trigo do joio, resultado de uma desconfiança ansiosa e egocêntrica. *Não deixemos que nos roubem a esperança!* (EG 85).

Não ao mundanismo espiritual - O mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal. /.../. É uma maneira sutil de procurar «os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo» (Fl 2, 21) (EG 93) [...]. Quem caiu neste mundanismo olha de cima e de longe, rejeita a profecia dos irmãos, desqualifica quem o questiona, faz ressaltar constantemente os erros alheios e vive obcecado pela aparência. Circunscreveu os pontos de referência do coração ao horizonte fechado da sua imanência e dos seus interesses e, conseqüentemente, não aprende com os seus pecados nem está verdadeiramente aberto ao perdão. /.../. Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. *Não deixemos que nos roubem o Evangelho!* (EG 97).

Não à guerra entre nós - Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais: «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35). Foi o que Jesus, com uma intensa oração, pediu ao Pai: «Que todos sejam um só (...) em nós [para que] o mundo creia» (Jo 17, 21). Cuidado com a tentação da inveja! Estamos no mesmo barco e vamos para o mesmo porto! Peçamos a graça de nos alegrarmos com os frutos alheios, que são de todos (EG 99). Dói muito comprovar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições (EG 100).

Peçamos ao Senhor que nos faça compreender a lei do amor. Que bom é termos esta lei! Como nos faz bem, apesar de tudo amar-nos uns aos outros! Sim, apesar de tudo! A cada um de nós é dirigida a exortação de Paulo: «Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem» (Rm 12, 21). E ainda: «Não nos cansemos de fazer o bem» (Gal 6, 9). Todos nós provamos simpatias e antipatias, e talvez neste momento estejamos chateados com alguém. Pelo menos digamos: «Senhor, estou chateado com este, com aquele... Peço-vos por ele». Rezar pela pessoa com quem estamos irritados é um belo passo rumo ao amor, e é um ato de

evangelização. *Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!* (EG 101).

Por ocasião do Jubileu dos Sacerdotes, disse o papa Francisco: “Diante do Coração de Jesus, surge a questão fundamental da nossa vida sacerdotal: *para onde está orientado o meu coração?* Uma pergunta que nós, sacerdotes, nos devemos pôr muitas vezes, cada dia, cada semana: para onde está orientado o meu coração? [...]. Para onde aponta o coração? Qual é o tesouro que procura? Porque – diz Jesus – «onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração» (Mt 6, 21). Todos nós temos fraquezas e também pecados. Mas procuremos ir ao fundo, à raiz: Onde está a raiz das nossas fraquezas, dos nossos pecados, ou seja, onde está precisamente aquele «tesouro» que nos afasta do Senhor?

Na Missa do Crisma de 2016, disse o Papa Francisco: “A nossa resposta ao perdão superabundante do Senhor deveria consistir em manter-nos sempre *naquela saudável tensão entre uma vergonha dignificante e uma dignidade que sabe envergonhar-se*: atitude de quem procura, por si mesmo, humilhar-se e abaixar-se (como o publicano do evangelho há pouco proclamado) , mas é capaz de aceitar que o Senhor o eleve para benefício da missão. O modelo que o Evangelho consagra e nos pode ser útil quando nos confessamos é o de Pedro, que se deixa interrogar longamente sobre o seu amor e, ao mesmo tempo, renova a sua aceitação do ministério de apascentar as ovelhas que o Senhor lhe confia”. E o Papa conclui sua homilia com estas belas e reconfortadoras palavras: “Supliquemos ao nosso Pai que «se recorde sempre da sua Misericórdia»; recebamos, com aquela dignidade que sabe envergonhar-se, a Misericórdia na carne ferida de nosso Senhor Jesus Cristo, e peçamos-lhe que nos lave de todo o pecado e livre de todo o mal; e, com a graça do Espírito Santo, comprometamo-nos a comunicar a Misericórdia de Deus a todos os homens, praticando as obras que o Espírito suscita em cada um para o bem comum de todo o povo de Deus”. AMÉM.